

## 10 O ENTRECruzAMENTO HISTÓRICO E FICCIONAL EM *HISTÓRIA, CORAÇÃO E LINGUAGEM*, DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Valci Vieira dos Santos\*

*"Tu és a história que narraste, não o simples narrador. Ela persiste mais em teu poema que no tempo neutro, universal sepulcro da memória".*

Carlos Drummond de Andrade

### RESUMO

O presente trabalho objetiva discutir a relação entre História e Ficção, tomando por base o poema drummondiano *História, Coração, Linguagem*, do livro *A Paixão Medida*, em sua interlocução com a arte poética de Camões.

**Palavras-chave:** História; ficção

### Considerações iniciais

O intercâmbio textual que se manifesta entre produções literárias provenientes das mais diversas estéticas remonta há séculos. Com o campo literário brasileiro, não é diferente. Desde o início da nossa vida literária, nota-se, no tecido dos mais diversos escritores, o entrecruzamento de idéias, consubstanciadas na cultura e na civilização dos povos.

Carlos Drummond de Andrade, figura exponencial da poética nacional e universal, soube como ninguém beber nos diversos mananciais. Dentre eles, a fonte dos clássicos greco-latinos certamente denuncia-o como um de seus mais desvelados estudiosos.

De influência marcadamente camoniana, o poema *História, Coração Linguagem*, de *A Paixão Medida*, um dos últimos livros drummondianos, marca os compassos do jogo intertextual, onde a relação entre a História e a ficção se combina, numa perfeita articulação entre fatos históricos, mitos e lendas.

Aliás, discutir o intercâmbio textual presente no poema *História, Coração, Linguagem*, à luz da relação História-ficção, se constitui no principal

---

\* Valci Vieira dos Santos é mestre em Literaturas de Língua Portuguesa, professor da UNEB e diretor acadêmico da FASB.

fito, uma vez que os campos de uma e de outra se inter-relacionam num perfeito jogo, onde as dicções literária e histórica se completam.

### **Considerações em torno da relação história e ficção**

Os campos da história e da ficção têm sido marcados por amplas discussões que sempre giram em torno de seus objetivos de estudo. A interlocução entre eles ainda insiste em apresentar dificuldades, apesar dos grandes avanços sofridos por ambos.

O certo é que, desde Aristóteles, as fronteiras já existiam. Este, ao comparar o poeta e o historiador, afirma que *“um escreveu o que aconteceu e o outro o que poderia ter acontecido”*. A assertiva aristotélica se funda numa distinção que quer dá conta das diferenças acerca do texto literário e do histórico, os quais, segundo o professor Luis Alberto Brandão Santos, se situam em campos radicalmente excludentes, cabendo do ao *“historiador a tarefa de relatar o passado; ao poeta, a liberdade de especular sobre o futuro do passado”*.

Entretanto, embora tenha causado eco essa assertiva, muitos há que têm questionado a respeito da provável linha entre os campos da História e da ficção. José Américo Motta Pessanha é um dos estudiosos do assunto que passaram a refletir sobre a discussão dicótoma, e passa a fazer a seguinte pergunta: *“existe realmente fronteira entre história e literatura?”* Ou, noutras palavras: *“se há linha divisória entre os dois campos, onde ela se situa?”*

Ainda nessa direção, trazemos à baila a opinião da Peter Burke, o qual, em seu texto denominado *“As Fronteiras instáveis entre História e Ficção”*, destaca a polêmica travada desde o tempo em que apenas políticos e historiadores políticos se preocupavam com fronteiras.

Eis suas palavras:

Da mesma forma que outras fronteiras culturais, as fronteiras entre gêneros cumprem duas funções contraditórias: são obstáculos à comunicação e também regiões de encontro. A segunda função depende da primeira, já que o encontro na fronteira será rico e frutífero somente se já houve obstáculos anteriores à comunicação (BURKE, 1977, p. 107).

Em última análise, o que Peter Burke quer realmente salientar, é a importância de levarmos em conta os elementos que cada área coloca à disposição do investidor. O estabelecimento de fronteira nada mais é senão o mal-estar causado pela impossibilidade de captar, no texto literário, elementos de cunho histórico ou vice-versa.

O poema *História, Coração, Linguagem* é um dos exemplos da possibilidade de fazer o texto transitar pelos domínios da história. A esse respeito, o arquiteto da palavra, Carlos Drummond de Andrade, transitou sem maiores complicações, corroborando, dessa forma, a opinião assente, segundo a qual, é possível estabelecer pacto entre discursos de áreas diferentes, sem que um anule o outro. Tal comprovação se evidencia no item que se segue.

## Ressonâncias camonianas em *História, Coração, Linguagem*: um jogo intertextual

O poeta Luís de Camões representa um marco na história literária portuguesa e nas literaturas universais. Para Fidelino de Figueiredo, Camões “é a estrela de primeira grandeza na universal plêiade petrarquista” para quem, ademais, representa o poeta o momento supremamente criador da lírica e da épica. Sua obra, *Os Lusíadas*, constitui uma referência para os estudiosos da literatura lusa, bem como demonstra “um excelso valor da língua portuguesa”, nas palavras de Fábio Lucas (1991, p. 17).

Dada a importância dessa obra literária para a compreensão da trajetória da nação portuguesa, marcada por grandes conquistas, é que cresce continuamente o número de camonistas ou de simples admiradores de uma obra que já seu lugar de destaque junto à opinião literária mundial.

Dentre os diversos aspectos que dão a *Os Lusíadas* o status de monumento literário, cumpre-nos colocar em relevo a tão presente relação História-ficção, que permeia toda a tessitura poética camoniana. São os grandes feitos da nação lusitana, empreendidos por um povo de “ânimo heróico, peito generoso”<sup>1</sup>, que ganham vez na voz do poeta, o qual, eleva para o plano divino a ação histórica experienciada por seus compatriotas. É a História de Portugal que se entremeia nos relatos de criação mitológica do poeta.

Feito este preâmbulo, para melhor compreensão da nossa proposta não que diz respeito ao jogo intertextual que se pretende fazer entre os textos camoniano e drummoniano, passamos, assim, a confrontar elementos de cunho histórico e ficcional presente num e noutro.

*História, Coração, Linguagem*, seguramente não representa não a única obra drummoniana que dialoga com os textos camonianos. Ao contrário, tantas são as referências a Camões, que Carlos Drummond de Andrade deixa transparecer sua admiração pela obra de poeta português, seja na prosa seja na poesia. A título de exemplificação, citamos os poemas “A Máquina do mundo”, de *Claro Enigma*, amplamente analisado por estudiosos da obra drummoniana, a exemplo de Gilberto Mendonça Teles, para quem “*Claro Enigma de Drummond é talvez o seu livro onde mais se evidenciam as influências camonianas*” e “O Poeta”, do mesmo livro *A Paixão Medida*, sem falar dos inúmeros poemas onde o nome do poeta português não aparece de modo expresso, mas que tal aproximação se dá por intermédio de vários traços estilísticos: são expressões e palavras, repetições, ritmos que remontam à epopéia camoniana.

Passamos, pois a uma breve análise dos textos já anunciada alhures.

O título do poema *História, Coração, Linguagem* forma uma tríade. São três vocábulos com acepções não lineares, que se apresentam e se desnudam à medida que o leitor vai se envolvendo com o texto. Por outro lado, apenas com o título não é possível a ele perceber que se trata de um jogo intertextual que Carlos Drummond de Andrade faz com *Os Lusíadas*.

<sup>1</sup> Frase cunhada por Hamilton Elia, em seu “Camões e a Literatura Brasileira”, MEC, 1973, quando faz um trabalho de análise entre versos d’*Os Lusíadas* e Descrição da Ilha de Itaparica, da Frei Manuel de Santa Maria Itaparica, segundo conta no Florilégio da Poesia Brasileira de Varnhagen, ed. da Academia Brasileira de Letras, t, I, 1946.

Cada vocábulo marca uma divisão no texto que quer dar conta da discussão em torno dos fatos históricos que marcaram o povo português, mas que sobretudo, propõe fazer uma abordagem crítica literária da arte de Camões. É Camões projetado na tríade *História, Coração, Linguagem*.

Dos heróis que cantaste, que restou  
Senão a melodia do teu canto?

Nestes dois primeiros versos do poema de CDA<sup>2</sup>, nota-se a associação que o poeta faz do texto camoniano com a música. Aliás, vários são os vocábulos que nos remetem à musicalidade, presente no poema drummoniano, a exemplo de “ritmo” v. 7, “Bardo” v.13, que quer dizer trovador, “órfico” v. 36, de Orfeu, músico e poeta, etc.

Mas CDA, desde os primeiros versos, já denota sua intenção de louvar o poeta português, chamando-nos a atenção para a permanência da obra do poeta. Duas referências corroboram nossa assertiva. A primeira, encontra-se nos dois versos iniciais: “*Dos heróis que cantaste, que restou/ Senão a melodia do teu canto?*” (v. 1-2); a segunda, acha-se a partir do verso 5 e vai até o verso 8: “*É teu verso, teu rude e teu suave/ balanço de consoantes e vogais,/ teu ritmo de oceano sofreado/ que os lembra ainda e sempre lembrará.*”

Por outro lado, outra marca importante do jogo intertextual se apresenta já no início do poema:

As armas em ferrugem se desfazem,  
Os barões nos jazigos dizem nada. (v.3-4)

Trata-se, como se é de notar, de um claro flagrante referencial ao primeiro verso do Canto primeiro d’Os Lusíadas: “*As armas e os barões assinalados*”. Percebemos a sofisticação do humor drummoniano quando se alude às “armas” e aos “barões”, duas expressões que bem definem a intenção do poeta de ironizar a ênfase que se deu ao poder bélico português com vistas às descobertas marítimas e, doutra parte, ao papel de destaque para as pessoas ilustres da nação portuguesa, as quais, apesar de tão cantadas, nada resta senão os seus jazigos, ao passo que o canto do poeta permanece incólume.

O primeiro elemento da tríade, História, quer dar conta da dimensão histórica do poeta Camões:

Tu és a história que narrastes, não  
o simples narrador. Ela persiste  
mais em teu poema que no tempo neutro,  
Universal sepulcro da memória. (v.9-12)

Para CDA, não são os fatos históricos narrados pelo herói dos feitos portugueses que permaneceram, mas o seu poema. Este, sim, é que nos faz lembrar os grandes feitos e os grandes homens, inclusive o próprio poeta.

Assim, até o verso dezesseis do poema drummoniano, é possível visualizar elementos que coadunam com a primeira parte da tríade; há, portanto, um passeio pelos domínios da História e da ficção, **CDA** faz alusão aos “barões” e às “armas” portuguesas, bem como a referência às divindades

<sup>2</sup> Passamos a utilizar a sigla CDA, a partir de agora, todas as vezes que formos nos aludir ao poeta Carlos Drummond de Andrade.

femininas ligadas à fecundidade, isto é, às ninfas. A partir daí, o poema passa a ser construído com base no “eterno jogo” que se trava no coração. É a luta contra o destino, em que “*cabe ao homem tentar, cabe vencer, perder, / e nisto se resume a irresumível / humana condição no eterno jogo / sem sentido maior que de jogar*”. (v.20-23).

A imagem que o verso “*Multissexual germinador de assombros*” (v.17) passa ao leitor é a da luta que o poeta com a “folha branca”, onde ele aceita fazer parte do jogo poético com as palavras contidas no texto. São as sementes em sua variedade, que proporcionam ao poeta a confecção do seu texto juntamente com o uso da linguagem.

A linguagem é o terceiro componente da tríade e se inicia no verso 28 do poema. A esta altura, “*Luís, homem estranho, que pelo verbo / és, mais que amador, o próprio amor / latejante, esquecido, revoltado, / submisso, renascente, reflorado / em cem mil corações multiplicado*” (v.28-32) se desloca do Eu lírico para a valorização da palavra. É o coração de Camões que se multiplica em mil corações.

É o poema de Camões que se multiplica em inúmeros outros poemas, dando ao leitor visões do seu fazer poético:

És a linguagem. Dor particular  
Deixa de existir para fazer-se  
dor de todos os homens, musical,  
na voz do órfico acento, peregrina.  
Que pássaro lascivo se intercala  
no queixume sutil de tua estrofe  
e não se sabe mais se é dor, delícia  
e espinho, afago, e morte, renascença? (v. 33-40)

Nestes versos, Drummond torna claro seu pensamento ao definir Camões como linguagem, palavra. O canto camoniano assume na voz do poeta a dor de todos os homens. Para o professor Benjamin Abdala Junior, a “dor particular” torna-se a dor escrita.

Nos versos “*Volúpia de gemer, e do gemido / destilar a canção consoladora / a quantos de consolo careciam / e jamais a fariam por si mesmos?*” (v.41-44), nota-se a associação entre o fazer poético e o instante da dor, do gemido. Para o mesmo professor, a “canção consoladora” (o texto poético) vem de uma carência, uma necessidade do poeta (“dor”). Dessa forma, o poeta “nasce” dessa ambigüidade da dor: de uma carência, constrói algo belo, elevado – o poema.

Os últimos versos do poema afirmam o que tem representado a figura do poeta Camões.

Pelos antigos e pelos vindouros,  
foste discurso de geral amor.  
Camões – oh som de vida ressoando  
em cada tua sílaba fremente  
de amor e guerra e sonho entrelaçados... (v. 49-53)

O seu discurso se eterniza e as pessoas do passado, do presente e do futuro dele se apropriam. É o canto camoniano que se imortaliza na história da humanidade.

Assim, o último verso “*de amor e guerra e sonho entrelaçados...*” nos remete ao título do poema, onde a palavra guerra se associa à História, amor

ao Coração e sonho à Linguagem. Há, portanto, a mescla destes três vocábulos no canto de Camões, que se fez o homem de lutas, homem-poeta.

### Considerações finais

O fenômeno da intertextualidade tem se constituído num dos grandes recursos lingüísticos para o estudo comparativo de obras literárias. O poema analisado é um dos exemplos da possibilidade de se transitar de um texto a outro, sem perder a alta individualidade poética.

Por outro lado, buscou-se comprovar de que é possível também lidar pacificamente com os conceitos de História e de ficção, sem que se institua linha divisória entre eles. Dentre os inúmeros exemplos na esfera da produção poética drummoniana, *História, Coração, Linguagem* é uma prova cabal do entrecruzamento de posições, de pontos de vista que se acham em campos aparentemente diversos.

Em *História, Coração, Linguagem*, Carlos Drummond de Andrade fez uma leitura d'Os Lusíadas e, para tanto, articulou criticamente os elementos do texto, numa investida de mestre que sabe muito bem arrastar das galerias da História elementos para a sua arquitetura poética. São os olhos do grande poeta a captar as imagens que perpassam a construção textual do passado, presente e futuro.

### ABSTRACT

This work intends to discuss the relationship between History and fiction, having as reference the poem by Carlos Drummond de Andrade, *História, Coração, Linguagem*, from the book *A Paixão Medida*, in its interlocution with Camões poetical art.

**Keywords:** History; fiction

### REFERÊNCIAS

- ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Camões: época e lírica*. São Paulo: Scipione, 1996.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *A paixão medida*. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.
- BURKE, Peter. As fronteiras instáveis entre histórica e ficção. In: AGUIAR, Flávio; MEIHY, José Carlos Sebe; VASCONCELOS, Sandra (Orgs.). *Gênero de fronteira: cruzamentos entre histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997.
- FIGUEIREDO, Fidelino de. *A épica portuguesa no século XVI*. São Paulo: USP-FFLCH, 1950.
- LUCAS, Fábio. *Fontes literárias portuguesas*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1991.
- TELES, Gilberto Mendonça. *A poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.